

ESCRIPINTURA: (IM)POSSIBILIDADES DE UMA ESCRITA SENSAÇÃO

CARDOSO, Franciane Canêz¹; ZORDAN, Paola²

¹Mestranda em educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-
fran_desenho@ibest.com.br

²Professora da Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
paola.zordan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pensando em duas linguagens distintas, imagem e texto, começa-se uma pesquisa para criar uma relação entre ambas que não estabeleça hierarquia, em outras palavras onde o texto não se torne explicativo da imagem, tampouco a imagem ilustrativa do texto. Tem-se então um desafio: como tornar a imagem um disparador para a escrita sem que esta se faça uma explicação, narração ou descrição daquela. Propõe-se então a criação de um método de escrita baseado em imagens, especificamente as fotográficas e picturais, tal método busca encontrar na escrita uma maneira de também fazer circular forças não encontradas em explicações ou significados pré-estabelecidos, mas criar uma escrita que independente de seu significado final faz emergir, tal qual as imagens, universos fantásticos onde as palavras podem libertar-se da banalidade cotidiana e criar, tornar-se sensação que percorre o corpo do leitor, a essa escrita chamo *escripintura*¹.

Como fazer uma linguagem tornar-se potencia para a outra? Como criar uma escrita potente, não explicativa, mas que traga em si provocações ao leitor, tal como uma imagem que enuncia diferentes sensações a cada segundo renovadas, que não cessa de reverberar no corpo, mas que nada explica? Como *escripintar* com palavras textos que façam circular sensações ao invés de significados pré-estabelecidos? Proponho então, pensar a relação imagem-texto, perceber o ato da escrita enquanto criação, como ação que passa e reverbera pelo corpo em sua totalidade. Escreve-se a partir dessa ideia com o corpo inteiro.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa em questão desenvolve-se dentro do projeto de extensão *Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, financiado pela CAPES. Projeto que tem como objetivo central desenvolver e experimentar maneiras outras de escrever que transponham a forma burocrática de escrita buscando nas experiências cotidianas, na vida, matéria para essa produção.

A ideia de trabalhar uma escrita que se desenvolve tendo como disparador, imagens, e o desenvolvimento, aplicação e teorização do termo *escripintura* para nomear os textos resultantes desse processo é apenas uma das vias da pesquisa desenvolvida pelo projeto *Escreleituras*, que tem como principal maneira de

¹ Há uma semelhança com o termo *scriptor* cunhado por Barthes em 1977 no texto *Image/ Music/ Text*, onde defendia a ideia de que o termo *autor* tornara-se ultrapassado na contemporaneidade devido ao seu hermetismo, pois se encontra nele a ideia de alguém que cria segundo sua imaginação. Os *insights* possibilitados pelo pensamento moderno tornaram o termo inviável. No lugar do autor, o mundo moderno apresenta uma figura que Barthes chama de **scriptor**, cujo poder é combinar textos pré-existentes em novas formas. Barthes acreditava que toda escrita se fundamenta em textos anteriores.

atuação o oferecimento de oficinas de escritura ministradas pelos pesquisadores do projeto. Especificamente esta pesquisa, que visa pensar e discutir as relações (im)possíveis entre imagem e texto, será discutida em oficinas que serão aplicadas a partir de 4 de agosto, oferecida à comunidade acadêmica da UFRGS. Durante os quatro encontros serão realizados exercícios de escrita que terão como disparadores imagens fotográficas e artísticas, a proposta geral das oficinas deverá girar em torno da criação de um procedimento pessoal de escrita. O suporte teórico para este investimento encontra-se nas obras de Gilles Deleuze, Mais especificamente onde o autor fala de pintura e literatura, e Roland Barthes com seus estudos sobre imagem. As produções realizadas durante as oficinas e os debates a partir destas serão organizados posteriormente para uma avaliação do método e seus resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levando-se em consideração que a pesquisa encontra-se ainda em fase de elaboração teórica, fase esta que precede a aplicação das oficinas, pretende-se aqui discorrer sobre conceitos e ideias que nortearão as tentativas de criar-se um procedimento próprio de escrita baseado na criação de uma escrita sensação ou *escripintura*.

Escrever se tornou ato intelectual, um processo institucionalizado que passa por uma série de normativas, que possui objetivos e métodos, que se constrói com códigos previamente definidos, mas que também, tal qual uma pintura, uma escultura ou um filme, constitui um processo de criação. Será possível embrenhar-se em um processo de desacomodação, de desequilíbrio, de territórios incertos como é o criativo sem lançar o corpo inteiro em tal processo? Acreditando que não, o que se propõe ao experimentar procedimentos outros de escrita, que não tenham como tônica regras e significados, é constituir uma escrita sensação que traz nas palavras a vida e que emerge quando o corpo todo escreve. A essa escrita não representativa, explicativa chamo *escripintura*, uma tentativa de distinguir dos textos técnicos e comuns do dia-a-dia àqueles que trazem em si mais do que explicações, narrativas e descrições. Uma *escripintura*, ou um texto *escripintado*, é aquele de forma inexplicável toma para si propriedades antes só pertencentes às imagens. Texto que fazem circular forças que no corpo do leitor transformam-se em sensação.

Tudo que provoca o corpo, que incita os sentidos é matéria para a escrita, mas como traduzir sem empalidecer com clichês? De maneira alguma será enunciada uma receita, uma forma para escrever um texto que tenha em si potencia de imagem ou disparado por ela sem aniquilar a mesma como antes fora dito, mas algumas considerações sobre a imagem e suas qualidades serão certamente potentes para que cada escritor possa apropriar-se e criar seu procedimento. As imagens criam, imprimem, marcam no corpo territórios. Forças que se criam nessa superfície de contato com o mundo e que encontram nela, nesse corpo, um escoamento. Espalham-se, trazem cheiros, sabores, sons. Um mundo fantástico de enunciações que se renovam a cada olhar surge e logo define, morre enclausurado dentro desse corpo que é incapaz de torna-lo enunciado. Os corpos permanecem assim presos as suas sensações e dificilmente encontram mecanismos para torna-las fato, para traduzi-las.

As imagens pictóricas, pertencentes ao universo artístico, longe de serem pautadas por uma lógica cognoscível, racional transbordam, extrapolam ditos e nomações, narrativas históricas e explicações epistêmicas. Essas imagens

encontram no caos estabelecido, não o fundamento, pois não se trata de uma questão de bases estipuladas, causas e consequências, mas seu agenciamento, seu plano de composição. “A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva” (DELEUZE, 2009, p.213), independentemente dos mecanismos que o homem cria para perpetuá-la a arte é autossuficiente nesse sentido. O que surge de uma obra de arte possui uma vida independente de seu criador e daqueles que a contemplam. Essa sensação produzida pelo fato pictural encontra territórios no corpo. As imagens da arte não narram, descrevem ou explicam. Sua existência vai além de uma intencionalidade, essa existência se dá na materialidade dessa imagem, cores, formas, texturas, mas, mais do que isso, sua existência perdura, prolonga-se na sensação que perpassa os sentidos dos espectadores, uma duração intensa sem relação com memórias ou conservação. Usar palavras para escrever com essas imagens se faz um exercício, não de compreensão, mas de apropriação da obra. Textos que criam outros universos análogos aquele contido na imagem e ao mesmo tempo independentes. Escritas que com palavras fazem surgir não significados, mas outras existências.

A imagem fotográfica também dispara no corpo do observador sensações, talvez aqui os cuidados devam ser maiores, pois é mais direta a relação com uma realidade e a possibilidade narrativa dessa realidade. Falar sobre a imagem fotográfica é o que se faz mais constantemente. A memória também se encontra diretamente ligada à esse tipo de imagem. Personagens e lugares que ao surgirem em uma imagem trazem consigo uma história, representam épocas, ressuscitam lembranças. Sendo assim, a imagem fotográfica é abordada a partir de Roland Barthes. A imagem fotográfica em sua função primeira, talvez original, mostra algo dado, uma cena que de fato aconteceu. A organização dos elementos desta cena, dos personagens, as roupas, tudo se organiza em função daquele registro. Um texto sobre a imagem facilmente descreverá esta cena ou enunciará uma narrativa. A postura diante da câmera provoca esses enunciados, há uma intencionalidade em determinadas configurações. Há um óbvio, algo de generalizante naquilo em que primeiro nos detemos. À essa obviedade da qual a imagem fotográfica vem acompanhada Barthes chamou *studium*.

O que sinto por essas fotos resulta de um afecto médio, quase de um treino. Não conseguia encontrar, em francês, uma palavra que exprimisse simplesmente essa espécie de interesse humano; mas crio que essa palavra existe em latim: é o *studium*, que não significa, pelo menos imediatamente, “o estudo”, mas a aplicação de uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, empolgado, evidentemente, mas sem acuidade particular. É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos, porque é culturalmente que eu participo nas figuras, nas expressões, nos gestos, nos cenários nas ações. (2010, p.34)

Mas, nem só de *studium* se constitui a imagem fotográfica. Barthes cita outro elemento, mais difícil de pontuar e explicar, algo que não traz em si conclusões e diretrizes, mas que vem sim encharcado de personalidade. Assim apresenta-se o *Punctum*. Algo “que salta da cena, como uma seta, e vem trespassar-me” (2010, p.35), um ponto que me atinge, sem explicações históricas, culturais ou sociais, algo na imagem que me fere, torna-se força e me atrai inexplicavelmente. “O *punctum* de uma fotografia é esse acaso que nela me fere” (2010, p.35).

As imagens gritam em silêncio tudo que trazem consigo. Tudo o que? Não falo de conhecimentos, informações, falo sim de sensação, algo que segundo Valéry é capaz de “proporcionar emoções sem o tédio da comunicação”

(DELEUZE, 2007, p.43). As imagens são fontes infindáveis de sensação, não cessam jamais de afetar aquele que as olham, e, mesmo sem a clareza comunicacional típica da escrita, talvez sejam o meio que mais profundamente imiscui-se no homem. Ditas algumas maneiras de se perceber as imagens entramos no cerne da questão: de que maneira traduzir essa força que trespassa a imagem em escrita? Traduzir é também criar, inventar. Portanto, traduzir imagens em textos é de certa maneira transpor forças. O que antes se movimentava entre cores e formas passa a mover-se por entre palavras que arranjadas de determinada forma fazem também emergir do texto sensações, mais do que significados. *Escrever* necessita de imagens, palavras e desejo.

4. CONCLUSÕES

Escrever com a imagem sem dizer dela certamente requer o abandono de qualquer ânsia explicativa. Longe de enunciar uma receita e encerrar o assunto o que este ensaio busca talvez seja lançar algumas questões para que cada *escrevedor* possa criar seu próprio procedimento. Deleuze ao apropriar-se das imagens de Bacon em seu livro *Lógica da Sensação* (2007) cria um procedimento para transformá-las em conceito filosófico, criar tais procedimentos como já dito implica em uma paixão, um desejo que move aquele que deseja criá-lo. Usar as imagens como alimento e impulso para o desejo de escrever provavelmente só se torne fecundo à medida em aquele que escreve encontra na imagem em questão elementos que o movimentem, um *punctum*. Talvez seja preciso ser ferido pela imagem, trespassado por algo alheio a explicações escritas e ditas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara Clara**. Lisboa: Editora 70, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. **Transblanco: reflexões sobre a transcrição de Blanco, de Octávio Paz, com um excuroso sobre a teoria da tradução do poeta mexicano**. In: _____ e Paz, Octavio. **Transblanco**. São Paulo: Siciliano, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon/ Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O Esgotado**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

_____; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1978.

RAMIL, Vitor, **Satolep**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2008.